

# O PARTIDO DAS MULHERES PERONISTAS: HISTÓRIA, CARACTERÍSTICA E CONSEQUÊNCIAS (ARGENTINA 1947-1955)

Marta Raquel Zabaleta\*

---

**Resumo.** O principal objetivo deste artigo é o de tentar ajudar as mulheres na reversão do estado de negligência social no qual a maioria delas se encontra na Argentina e no restante das Américas - resultado de uma história comum de opressão de classe, de subordinação de gênero e de exploração de sexo. Ao fazermos um estudo detalhado do Partido Peronista e do modo no qual ele operou em relação às suas filiadas mulheres, seremos capazes de delinear conclusões sobre as vantagens e limitações do processo de politização das mulheres do tipo assumido pelo Peronismo, facilitando frutíferas comparações em futuros projetos de pesquisa.

**Palavras-chave.** Peronismo, feminismo, Argentina, século XX.

---

## Peronist Women party: history, characteristic and consequences (Argentina 1947-1955)

**Abstract.** The aim of this article is to help women to reverse the state of social neglect in which most of them remain in Argentina, and in the other American countries – resulting from a common history of class oppression, gender, subordination and sex exploitation. The detailed study of the Peronist party and its *modus operandi* concerning its women members will enable us to delineate conclusions on the advantages and the limitations of the women politization process adapted by Peronism, thus facilitating fruitful comparisons comparisons in future research projects.

**Keywords.** Peronism, feminism, Argentina, 20<sup>th</sup> century.

---

## INTRODUÇÃO

---

\* Dra. Marta Raquel Zabaleta, Senior Lecturer, Latin American Studies, School of Humanities and Cultural Studies, Middlesex University, England. (m.zabaleta@mdx.ac.uk). Tradução de Hilda Pívoro Stadniky, Departamento de História, Universidade Estadual de Maringá (hilda@onda.com.br).

Durante o período abrangido por este artigo,<sup>1</sup> uma forma nacional-burguesa de populismo e um movimento político multi-classista, o Peronismo, promoveu políticas para elevar o status político e social, em geral das mulheres na Argentina, e providenciou o apoio das mulheres, independentemente delas trabalharem ou não fora de casa, com uma organização política própria, uma seção separada dos homens, denominada Partido das Mulheres Peronistas (PPF).<sup>2</sup> Por sua vez, o apoio das mulheres foi importante para a restauração do processo constitucional na Argentina em 1946 e crucial na sustentação do processo democrático e do regime Peronista, por mais de uma década em um país com uma história de golpes militares.

Entretanto, apesar da volumosa bibliografia existente sobre o Peronismo, estas questões têm sido largamente ignoradas pelos acadêmicos, em contraste, para dar apenas um exemplo, ao amplo tratamento dado aos sindicatos e/ou à classe trabalhadora em geral como pilares do populismo Peronista.<sup>3</sup>

Este descaso não evitou a menção do papel político das mulheres Peronistas, pelo menos em nível descritivo, na literatura sobre mulheres na política na América Latina. Tais estudos simplesmente continuaram a associar este papel mecanicamente a outros, por exemplo, ao ativo papel desempenhado por grupos de mulheres reacionárias na derrubada de governos democraticamente eleitos como os de João Goulart (Brasil, 1964) e Salvador Allende (Chile, 1973), ou ao apoio de mulheres ao regime ditatorial de Trujillo na República Dominicana. Daí é apenas um curto passo para denominar tal papel e comportamento como exemplos do suposto “conservadorismo intrínseco” das mulheres latino-americanas, ou do suposto comportamento

---

<sup>1</sup> Agradecimentos a Kate Young, Mike Gatehouse, Yanina e Tomás Hinrichsen Zabaleta pela ajuda quando trabalhei na versão original deste artigo; a British Academy, pelo auxílio que me possibilitou a participação no “Tenth Berkshire Conference on the History on Women” (X Congresso de Berkshire sobre História das Mulheres, Universidade de Carolina do Norte, Chapel Hill, junho de 1996), onde a comunicação foi originalmente apresentada. A versão final foi enriquecida pelos comentários de diversos participantes do Congresso de Berkshire, em particular, Dra. Barbara Wenstey, Dra. Marion Muller e Dra. Muriel Nazzari, a quem estendo meus calorosos agradecimentos. Dedicado a todas as mulheres argentinas, do meu exílio na Inglaterra, Epping, 8 de março de 1997, Dia Internacional da Mulher. Acrescento meu profundo reconhecimento à professora Hilda Pívaro Stadniky, por globalizar meu discurso, traduzindo-o para o português.

<sup>2</sup> A sigla PPF, derivada do espanhol, significa Partido Peronista Femenino. Na versão inglesa do original a autora utilizou “The Peronist Women's Party”. A denominação em português será Partido das Mulheres Peronistas (N.T.).

<sup>3</sup> Um exemplo recente pode ser encontrado em um trabalho diferente e muito bom de Daniel James, 1993: 5-40.

político da “Supermãe”, tão generalizado nos países do continente, aos quais eu tenho me referido em outros estudos (Zabaleta,1997).

Este período foi de fato único na história Argentina, em que o presidente e seus íntimos colaboradores, incluindo sua esposa Eva Duarte Perón, falaram aberta e fortemente em favor de uma legislação que desse às mulheres igualdade política. Como resultado, a aquisição de direitos políticos pelas mulheres argentinas em 1947 tornou-se intrinsecamente associada à figura de Eva Perón. Não é surpreendente, então, que tenham existido inúmeras tentativas de retratá-la como uma das primeiras feministas latino-americanas. Felizmente, Marifran Carlson reverteu este quadro, mostrando que Eva Perón não tinha uma real filosofia feminista (Carlson,1988:195-6).

Ao estudarmos o caso Peronista a partir da perspectiva de gênero, podemos começar a discutir o quanto efetivamente as mulheres estiveram representadas no Estado Peronista por uma Frente de Mulheres que foi submetida ao controle e disciplina do partido governante, uma precursora dos mais diversos exemplos recentes. Isto é de particular interesse, dada a tendência de forças políticas de mulheres da América Latina em adotar Frentes de Mulheres como a forma aparentemente ideal de organização para a mudança: no Chile, em 1972, a Frente de Mulheres Revolucionárias (FMR); em El Salvador a Associação de Mulheres Salvadorenhas (AMES); na Nicarágua e em Cuba variações sobre a mesma denominação. Puderam rapidamente tornar-se apêndices subordinados de um Partido oficial de gênero misto no governo, tal como aconteceu na Nicarágua ao AMNLAE e à Federação das Mulheres, em Cuba (Molineux,1983; Smith & Padula, 1997: 33-56).

O principal objetivo deste artigo é, portanto, tentar ajudar as mulheres na reversão do estado de negligência social no qual a maioria delas encontra-se na Argentina e no restante das Américas: o resultado de uma história comum de opressão de classe, de subordinação de gênero e de exploração de sexo. Ao fazermos um estudo detalhado de um partido político e do modo no qual ele operou em relação às suas filiadas mulheres, seremos capazes de delinear conclusões sobre as vantagens e limitações do processo de politização das mulheres do tipo assumido pelo Peronismo, facilitando frutíferas comparações em futuros projetos de pesquisa. O exemplo do Peronismo aponta, apesar de sua singularidade, para uma verdade mais universal - isto é, que somente uma esfera estreita de opções está disponível para as mulheres, quando elas se engajam nas atividades formais do partido.

Para tais propósitos, o artigo estruturou-se do seguinte modo. Faremos a reconstrução histórica da filiação (dos membros) e participação das mulheres no partido do governo (PP), que se divide naturalmente em duas fases principais. O período de 1947-49, quando havia membros mistos de um

único partido, é visto na Parte 1; e o período depois da formação do Partido das Mulheres Peronistas (PPF), em 1949. Esta última fase pode ser detalhadamente subdividida. O período de 1949-51, durante o primeiro governo Peronista, é visto na Parte 2; o período do segundo governo, 1951-55, e o período depois do golpe de estado em 1955 - quando o Partido tornou-se ilegal e retornou à filiação mista - serão vistos nas partes 3 e 4, respectivamente. Finalmente, o artigo irá inferir suas conclusões sobre o papel desempenhado pelo Partido Peronista patriarcal, no desenvolvimento de uma reduzida consciência social de gênero entre suas filiadas mulheres.

#### **PARTE 1: A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES PERONISTAS 1947-9: A FASE DA FILIAÇÃO MISTA NO PARTIDO PERONISTA (PP)**

Perón viu o partido oficial, o Partido Peronista (PP), como um instrumento essencial para aglutinar os componentes básicos de seu apoio político e assegurar que eles fossem canalizados na direção ensejada. Sob o governo Peronista esse partido oficial funcionou como um dos mais vitais Aparatos Ideológicos do Estado.

Nossa hipótese central é a de que o Partido Peronista agiu basicamente como um mecanismo para fazer circular a ideologia Peronista entre as mulheres, e assim desempenhou um papel crucial ao assegurar a eficácia discursiva daquela ideologia. Entretanto, ele também preencheu outras funções discursivas essenciais, como veremos.

Primeiramente, o Partido ofereceu aos principais “transmissores” do discurso Peronista (General Perón e sua esposa Eva Duarte) uma plataforma especial, derivada de suas relativas posições de poder na sociedade. Por outro lado, o discurso Peronista foi apresentado às mulheres como tendo sua própria legitimidade. Em outras palavras, ele apresentou-se como originário do domínio feminino, não de fora dele. Isto teve o efeito de fazê-lo parecer representar implicitamente as necessidades e demandas do gênero feminino e, como tal, ser claro e genuíno.

Em segundo lugar, crucial para o sucesso da comunicação com membros dos dois principais gêneros sociais era que o Partido não tinha somente um líder masculino, mas um “transmissor” feminino. Para os membros do gênero feminino em particular, o fato de terem Eva Perón como sua interlocutora permitiu ao “mecanismo de reflexão” operar, assim como constituir as mulheres em sujeitos da ideologia Peronista. Neste sentido, tanto quanto prover as mulheres, com um coletivo social e seu próprio espaço, isto ajudou a inclinar o equilíbrio em favor da recepção do discurso Peronista.

O PP foi oficialmente criado em Dezembro de 1947. Em 9 de setembro daquele ano o Congresso Nacional havia aprovado a Lei nº 13.010 que estendia às mulheres os mesmos direitos de participação política dos

homens. Provavelmente na fase inicial do novo partido oficial (1947-49), filiados Peronistas de ambos os gêneros foram encorajados a canalizar seu apoio político ao governo, através do partido de Perón. Tem sido difícil, entretanto, encontrar algum dado específico e/ou confiável para avaliar a relativa importância dos membros masculinos e femininos e as diferenças, se é que há alguma, na sua participação ativa.<sup>4</sup>

Deveria ser lembrado que durante este período as mulheres, ao ingressarem no partido, tinham o direito de filiar-se em um dos dois tipos de subdivisão da organização; ou na Unidade Básica do Sindicato, baseada na sua filiação sindical, ou na Unidade Básica Ordinária, que se destinava a todos que não fossem membros de um sindicato, tais como donas de casa, empregadas domésticas, mulheres camponesas, etc. As obrigações fundamentais dos membros do Partido naquele tempo consistiam em esforço para recrutar mais filiadas para alistar-se no Partido e no trabalho de propaganda contínuo em nome do governo.

Entre outras fontes de informação sobre o período estão as memórias daquelas que foram militantes naquele tempo. A maioria das fontes que obtive do Peronismo para este artigo veio de mulheres que procuraram material entre seus próprios pertences. Elas foram membros ou seguidoras do Peronismo desde o início.<sup>5</sup> O material que forneceram é duplamente útil, mostrando a espécie de literatura na qual buscaram a inspiração ideológica dos primeiros dias de seu apoio ao partido oficial do Peronismo. Mas isto também atesta a determinação em preservar a literatura de seu partido, por mais de três décadas, através de incontáveis períodos de proibição e destruição pela polícia e outras agências repressivas do Estado argentino. Tanto é verdade que elas puderam ajudar novas gerações de mulheres argentinas (e/ou homens) que estavam interessadas em apoiar o desenvolvimento político das mulheres (ou homens, para aquele assunto).

Uma delas, assim que me passou o material que havia colecionado, comentou:

Quando o Peronismo assumiu o governo, por volta de 1946, eu era diretora de uma escola rural no norte da Província de Santa Fé. Meus alunos não eram somente as crianças, principalmente aquelas dos imigrantes da Europa e dos camponeses locais,

---

<sup>4</sup> Recomendo aos leitores: Bianchi, 1993: 696-707; Bianchi & Sanchis, 1988; Santos, 1983. Navarro, 1981.

<sup>5</sup> Por exemplo: Dora Bugnone, professora aposentada de 62 anos de idade, casada, com uma filha; sua mãe, de 87 anos de idade, dona de casa com 11 filhos, que por mais de 50 anos foi concubina de um rico rancheiro na Província de Santa Fé; Maria Hurtado, 84 anos de idade, ex-secretária e vendedora, casada, sem filhos; Manuela Leopardi, 60 anos de idade, ex-professora e costureira, divorciada, sem filhos. (Todos os detalhes foram conferidos quando as entrevistas foram realizadas na Argentina, 1984).

mas também seus pais. Os pais imigrantes podiam falar sua própria língua, mas eles se acostumaram a vir para minha pequena escola à noite para aprender espanhol. Nós costumávamos sentar-nos em volta de uma fogueira e eu tocava guitarra e cantava para eles. Eu cantava tradicionais canções folclóricas, bem como as canções Peronistas. Gradualmente eu percebi que o Partido precisava de nós, as mulheres. Então eu concordei em mudar-me para a capital da província de Salta. Minha própria educação, minha guitarra e meu conhecimento da doutrina Peronista permitiram-me organizar e arremontar muitos homens e mulheres para o Partido. Aquilo teria sido por volta de 1948.<sup>6</sup>

De acordo com estas mulheres Peronistas, sua atividade como membro do Partido começou em Unidades Básicas mistas que eram controladas pelos homens. Estas unidades trabalharam para identificar os membros e provê-los com contatos políticos e com a literatura do Partido. “O Partido também deu-nos a chance de educar a nós próprias”, disse uma ex-secretária que depois de 1951 tornou-se uma das pessoas responsáveis pela informação Peronista em uma área central da cidade de Rosário, Santa Fé.

Através do Partido, minha irmã, que não tinha nenhum preparo, arranhou emprego como professora de costureiras em um Colégio Técnico Noturno para mulheres, mantido pelo governo. Eu fui por conta própria e aprendi datilografia. Para mim, em síntese, o Partido abriu-me as portas. Eu me lembro quando eu tomava o trem nas noites para ir ao Colégio eu costumava sentar lá e escrever poesia. Meus poemas foram minha forma de expressar minha liberdade.<sup>7</sup>

Infelizmente, ela havia destruído o restante de seus testemunhos escritos por medo da brutal repressão contra o Peronismo, após a queda do governo em 1955.

As únicas coisas que eu mantive daquele primeiro período de meus mais de 40 anos no Partido foram estes poucos livros. Eu até tive que disfarçar o oratório para Eva que eu tinha na minha sala de estar. Retirei o retrato de Eva Perón da moldura e o coloquei atrás, com um da Virgem Maria na frente. Nós somente armávamo-nos de coragem para olhar para Evita à noite, quando nós a retirávamos e acendíamos uma vela para ela.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Dora Bugnone, entrevistada pela autora em Rosário, Província de Santa Fé, em 11 de junho de 1984.

<sup>7</sup> Maria de Hurtado, entrevistada pela autora em Rosário, em 6 de junho de 1984. A maioria de seus poemas e notas foram confiscados pela polícia depois de 1955, durante uma das muitas invasões em sua casa.

<sup>8</sup> Esta experiência é confirmada pela experiência da própria autora. Minha mãe foi um membro ativo do Partido Peronista desde o início, em Bouquet, Santa Fé. Ela era professora da escola primária, casada, com uma filha. Através de seus contatos com o Partido Peronista eu conheci Eva Perón na cidade de Santa Fé, na sala ao lado do gabinete do Governador da Província. Embora eu fosse uma garota naquele tempo, minha mãe costumava levar-me às reuniões mais

Este testemunho em parte confirma as conclusões de Hollander, no sentido de que as mulheres foram ativas no Partido desde o começo; entretanto, a autora insiste que desde o princípio as mulheres Peronistas eram organizadas separadamente dos homens. Esta diferença pode resultar das variações na organização entre as grandes cidades e as regiões menos densamente povoadas. Hollander afirma que as Unidades Básicas de mulheres foram criadas gradualmente a partir de 1947, baseadas em centros de mulheres que já existiam nos arredores pobres das cidades maiores (Hollander, 1977:180-93, 188).

Contudo, ela é curiosamente ambivalente neste ponto. Em seus primeiros trabalhos, afirma que os filiados masculinos e femininos do PP eram separados desde o início (Hollander, 1974: 42-7; *Idem*, 1977: 180-93). Porém, em um trabalho posterior, assevera que esta separação aconteceu somente depois de 1949. Evidentemente a última posição invalida sua própria hipótese de que aquela separação da organização de mulheres foi decidida quando o Censo de 1947 chama a atenção de Perón para o fato de que as mulheres constituíam mais de 28% da força de trabalho. Isto também dá sentido ao testemunho de Nédia de Miguel, uma das fundadoras do Partido das Mulheres Peronistas, que disse a Hollander, durante uma entrevista, que a principal razão porque as mulheres Peronistas concordaram com a criação de uma seção separada do mesmo partido político era a de ter seu próprio partido político, em um movimento político heterogêneo, algo que elas consideravam essencial, pois aquelas “mulheres poderiam ser livres para desenvolver suas próprias idéias em seu próprio modo” (Hollander: s/d).

É interessante observar nos escritos de Eva Perón, supostamente a fundadora do Partido das Mulheres Peronistas, que nem ela própria, nem Perón pareciam conhecer exatamente a situação, no início de 1949, muito menos sabiam quantas mulheres Peronistas havia. Isto parece ser a única explicação para a afirmação dela, pois quando a “força das circunstâncias” obrigou-a a organizar as mulheres, em uma seção baseada no gênero, separada do partido, sua primeira tarefa foi providenciar um levantamento do número da filiação feminina (Perón, 1951: 291).

De acordo com Vera Pichel, as mudanças na Constituição de 1949, ratificando os direitos políticos das mulheres e incorporando os cidadãos dos territórios nacionais, elevaram o número de cidadãos com direito ao voto a 8.623.640, dos quais 4.225.467 eram mulheres. A importância do número de mulheres no registro eleitoral mostrou a necessidade de organizá-las. A idéia

---

importantes do Partido, em que ela participava com nossa criada (e pajem) sem o conhecimento de meu pai anti-Peronista.

dos homens do Partido Peronista era criar uma comissão feminina para tratar da questão. Eva Perón, ao invés disso, achava que aquelas mulheres precisavam trabalhar separada e independentemente dos homens, e ela venceu. De acordo com Pichel, ela então procedeu à seleção de 23 mulheres, cada uma responsável por uma Província ou Território Nacional, nos quais o país era dividido. Eram elas: Catalina Allen, Buenos Aires; Luisa Komel, Santa Fé; Juana Larraudi, famosa cantora de tango, Entre Rios; Celia Argumedo, Corrientes; Elsa Chamorro, médica, Córdoba; Maria Bernard, Santiago del Estero; Blanca Rodriguez, San Luiz; Teresa Givelli, Mendoza, entre outras. No Distrito da Capital, a pessoa encarregada era Teresa Adelina Flora, que foi também Diretora da Escola de Enfermagem da Fundação Eva Perón (Pichel, 1994:106-7).<sup>9</sup>

## **PARTE 2. 1949-51: O PARTIDO DAS MULHERES PERONISTAS (PPF) DURANTE O PRIMEIRO GOVERNO PERÓN**

A autobiografia de Eva Perón, *A razão de minha vida*, publicada na primeira quinzena de Dezembro de 1951, relata as experiências da autora como fundadora do PPF. Ela nos dá uma pequena ajuda para estabelecer as exatas circunstâncias que cercam a criação desta seção separada do partido governante. Por exemplo, Eva Perón não faz menção ao fato de que em 1º de abril de 1949, havia uma reunião na qual a formação da nova seção seria discutida. Ela própria era a única mulher presente. Os demais eram todos homens, membros do mais poderoso Comitê do Partido, o Conselho Superior do Partido, assim constituído: Maurício Scatamacchia, Alejandro B. Giavarini, Bernardino Garaguso, Hector Cámpora, Luis Atala, Carlos M. Seeber, Ricardo Viviani, Alberto Tesaire e Miguel Asquia (Abeijón, 1975: 119).

Em seu livro, Eva Perón diz que a decisão de organizar as mulheres em uma seção separada do partido foi idéia de Perón, e não o resultado de seu próprio interesse e convicção. Isto não é o que a maioria das pessoas pensa ter acontecido... mas é a verdade. Eva explica que Perón tinha receio que as mulheres, que agora tinham os mesmos direitos políticos, pudessem ser “masculinizadas”. Para evitar isso ele acreditava que era necessário organizar para elas uma seção separada dos homens, e assim tomou as primeiras medidas para tal. A fim de implementar esta decisão, Eva afirma, ela procurou a ajuda de 30 mulheres Peronistas. O critério usado para escolher os membros fundadores do novo partido foi conferir cuidadosamente seus antecedentes e o registro de lealdade a Perón, a amizade com Eva e sua total devoção à

---

<sup>9</sup> Mesmo naqueles detalhes há discrepância entre os biógrafos de Evita: ver, por exemplo, Dujovne, 1995:248.

ideologia Peronista. Em outras palavras, elas deveriam ser, como a própria Eva diz, “devotas do Peronismo” (Perón, 1951:290-1).<sup>10</sup> A primeira tarefa para Eva Perón e seu grupo inicial de cerca de 30 colaboradoras era, como vimos no início, avaliar a situação e definir quantas mulheres Peronistas havia, sempre de acordo com os escritos de Eva.

Eva afirma em seu livro que a tarefa de organizar o partido das mulheres foi uma das mais difíceis da sua carreira política, e que para suas auxiliares esta tarefa envolveu “tremendos sacrifícios: delas tinham de deixar suas casas, seus trabalhos e todo um modo de vida, a fim de assumir outro, muito diferente, intensivo e que exigia muita dedicação”. É importante observar que na sua contextualização, estas notas não significam uma homenagem à suas colaboradoras. Elas são uma clara afirmação das características das “autênticas mulheres Peronistas” e das atitudes esperadas delas no exercício de suas obrigações no partido, isto é, trabalho, frequência, participação, trabalho não crítico, prioridade sobre todas as demais responsabilidades femininas, independentemente do estado civil.

### **Formalização da filiação separada das mulheres peronistas**

O Partido Peronista convocou seus membros para enviar delegados para um grande comício no gigantesco Estádio Luna Park, em Buenos Aires, em 26 de julho de 1949. Esse comício, que era a inauguração formal da nova seção do partido governante, deu a Perón a oportunidade pública da permissão às mulheres do direito de participar separadamente dos homens, e as linhas gerais da natureza e potencial implícito dessa filiação especificamente feminina. Vale a pena analisar o fato em detalhes.

O estabelecimento formal da filiação separada das mulheres foi o resultado de três dias de reuniões, conhecidas oficialmente como a Primeira Assembléia do Partido das Mulheres Peronistas. No primeiro dia, em 26 de julho de 1949, 6.000 filiados dos gêneros masculino e feminino do PP compareceram ao Luna Lark. Perón presidiu o encontro e fez um enfático pronunciamento aos delegados da assembléia. Tão logo sua fala foi encerrada, as mulheres presentes deixaram o estádio e se dirigiram a outro local menor, o Teatro Cervantes, para ouvir um longo discurso de Eva Perón. Cerca de 1.000 mulheres, somente delegadas, estiveram presentes.

Perón tinha organizado as coisas deliberadamente, aparentemente, para esclarecer um número de coisas. Para os homens do Partido, que eles precisavam aceitar e respeitar a existência separada da seção das mulheres do Peronismo, uma vez que este tinha o apoio direto e o consentimento expreso

---

<sup>10</sup> Em espanhol “fanático” significa “ardente seguidor ou admirador de algo”.

de Perón. Em segundo lugar, para as mulheres filiadas, para quem Perón aparentou simbolicamente estar abrindo um espaço político, que a **independência** do Partido delas estava sendo garantida por Perón, a quem em última análise elas deveriam respeitar como a autoridade suprema no Partido Peronista. Usando um de seus mais típicos mecanismos discursivos, do tipo do **modelo da chegada**, Perón falou de novo para as mulheres, em 29 de julho de 1949, na sessão de encerramento da Primeira Assembléia do Partido das Mulheres Peronistas, realizada no Teatro Cervantes.

Esse mecanismo foi particularmente eficiente naquela ocasião, para assegurar os objetivos ideológicos de Perón. Permitiu-lhe estabelecer uma relação irredutível de externalidade entre ele próprio e os destinatários de seu discurso, embora esta relação pareça ser negada para o mesmo momento em que é estabelecida. Nesse sentido o discurso Peronista pode ser adequadamente caracterizado como o cenário na operação da oposição de uma externalidade entre o líder e “seus” seguidores que nunca é negada, e uma internalidade, que é freqüentemente afirmada. Esse mecanismo discursivo possibilita explorar a situação dual de uma pessoa que se define, ao mesmo tempo, como *insider* e *outsider* - neste caso Perón, que deixa as mulheres por conta própria, mas que está presente com elas através de sua doutrina e através de sua esposa. Como de Ipola expressa, referindo-se a um outro **momento** do discurso de Perón, numa tentativa de generalizar esta interpretação: “É impossível evitar a conclusão de que ao mesmo tempo em que este mecanismo enriquece a figura pessoal do caudilho, confere-lhe o papel de mediador especial” (Ipola, 1982:146).

Aplicadas ao caso que nos diz respeito, as conclusões de Ipola, Verón e Sigal<sup>11</sup> servem para apoiar nossas próprias conclusões, por sublinhar a importância do **modelo da chegada** como uma constante no discurso Peronista.

Perón “chega” uma vez mais para encontrar-se com as mulheres. Neste tempo ele vem como o mediador especial entre elas e os outros (os homens). A ambivalência de sua posição, tanto externa quanto interna, para o movimento das mulheres, serve para obscurecer a real relação de poder entre Perón (o líder) e as mulheres (“suas” seguidoras). Isto, por sua vez, não é meramente uma relação entre um homem e as mulheres, mas o estabelecimento de uma nova relação entre os membros de ambos os gêneros com o partido governante.

O que esperavam as mulheres ouvir quando desejaram “receber” seu líder político, na manhã de 29 de julho de 1949? Depois de dois dias de reuniões e após ouvir dois discursos de Eva Perón, as mulheres Peronistas se

---

<sup>11</sup> Ipola & Verón, 1982:151-205.

reuniram uma vez mais para ouvir Perón. Ele esclareceu, naturalmente, que sua esposa Eva era a Presidente da Seção das Mulheres do Partido, mas que acima dela permanecia o líder masculino de seu partido, General Juan Perón, que exercia total poder sobre ela e os demais membros femininos representados na Assembléia. De acordo com esta filosofia política geral, Perón tinha vindo dar ordens para as massas, esclarecer-lhes as obrigações para agir em consonância com um conjunto claro de ordens. Dois parágrafos particulares desta fala encerram sua opinião com respeito ao caráter e atividade política das mulheres.

No primeiro, Perón explicou a elas que duas qualidades básicas eram requeridas a fim de que pusessem em prática os objetivos políticos do partido; isto é, ser **calmas** e **obedientes**. Ambas as qualidades deveriam ser cultivadas sem violência e sem esforço. Na segunda passagem, ele explicou que esperava que as mulheres membros do Partido obedecessem a qualquer tipo de ordem do Partido e em qualquer circunstância, sem questionamento. A contribuição específica das mulheres para a revolução nacional, enfatizou ele, era sua total dedicação à “formação de homens sábios e virtuosos”, uma “função” política que foi depois inserida no discurso Peronista e na literatura Peronista como “a missão das mulheres” (Perón, 1949: 20 e 106).

A Primeira Assembléia das Mulheres Peronistas foi concluída, então, com o discurso de Perón. Curiosamente, os próprios Peronistas cunharam um termo para referir-se aos discursos de Perón. O dos maridos foi descrito como o “Discurso de encerramento”, enquanto que o das esposas foi simplesmente denominado de “Discurso para a Sessão Final da Reunião”. Como dissemos antes, foi o discurso de Perón que simbolicamente finalizou e sintetizou as discussões das mulheres. Por quê? Tinha ele receio de Eva Perón? Ou, estaria ele ansioso para controlar o potencial do novo movimento das mulheres que ele havia ajudado a criar? Ambos, mais provavelmente, porque sua esposa estava convencida de que “se nós mulheres ficarmos unidas, nós seremos invencíveis”.

### Os discursos de Evita

Durante os eventos acima relatados, Eva Perón pronunciou dois discursos, ambos direcionados às mulheres Peronistas, isto é, às mulheres já constituídas no sujeito da ideologia populista do Peronismo. Eva Perón tornara-se magnífica oradora, e ambos os discursos revelam seu poderoso estilo e força expressiva. Entre os vários mecanismos usados, notamos o quanto ela retorna repetidamente às idéias centrais, e explicando em uma maneira altamente didática. A linguagem desses discursos é marcadamente diferente daquela usada previamente. De fato, Eva usa aqui, em sua própria

interpretação, termos recriados pelo Peronismo, e agora reconhecidos como parte de sua doutrina oficial, denominada **Doutrina Justicialista**. Enquanto esses discursos contêm os temas constantes, que caracterizam todos os discursos feitos por Eva para as massas de mulheres da classe trabalhadora, eles a representam muito mais claramente do que antes, como o próprio modelo para as mulheres imitarem na política, para explicar como as mulheres deveriam comportar-se para demonstrar seu apoio ao governo Peronista.

O primeiro discurso foi extremamente longo (45 páginas datilografadas) e talvez, seu melhor discurso. O segundo foi curto, dogmático e despojado da maior parte dos mecanismos de oratória, em claro contraste com sua primeira intervenção. Ambos pareciam indicar que a mobilização política das mulheres no explícito apoio ao regime não é meramente uma demanda das mulheres do Peronismo, mas que até meados de 1949 é considerada, pelo próprio Perón, como crucial para a sustentação de seu governo. É tarefa vital e específica de Eva fazer as mulheres tomarem conhecimento dessa necessidade. Esses discursos, entretanto, servem para ajudar-nos a compreender como o Peronismo operou ideologicamente para fortalecer seu apoio político, entre as mulheres, e estender este apoio substancialmente, antes do início da segunda campanha para eleição presidencial. Eles também ajudam a revelar como este fenômeno apareceu na consciência da mais representativa das mulheres do Peronismo, Eva Perón. Entre os elementos chave de seu discurso estavam as especificidades da posição política e econômica das mulheres na sociedade, e a implicação da participação das mulheres como um setor autônomo, com sua força política resultando de um conjunto de circunstâncias históricas diferentes, inclusive daquelas dos homens das classes mais pobres.

Pode também ser visto que Eva considerou a mobilização das mulheres como uma força separada do restante do partido, porém concebida inteiramente dentro das instruções dadas pelo chefe supremo, o General Perón.

Os discursos, com todo o contexto no qual estavam inseridos - uma mobilização política massiva, delegados de todo país chegando na capital, os cinco dias do Congresso do Partido, os arranjos para a acomodação coletiva, etc. - são exemplos típicos da espécie de comportamento político promovido pelo Peronismo, entre seus seguidores, e dos valores que ele inspirou, são por si só atos ideológicos.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Para uma completa análise de todos os discursos de Eva para as mulheres, ver Zabaleta, 1988, cap. VII. Inédito; Zabaleta, 2000.

## A estrutura organizacional do PPF

Retornaremos agora ao exame de alguns dos principais aspectos organizacionais da seção das mulheres do Peronismo, no período 1949-51, começando pela própria estrutura do Partido das Mulheres Peronistas. O PPF foi organizado de acordo com as linhas formuladas pela sua Presidente, Eva Perón. Deveria ser separado da seção masculina, porém ligado a ela sob um único líder, Juan Perón. A própria Eva Perón, eleita presidente do PPF na sua primeira Assembléia, assumiu sua primeira posição formal no partido em 30 de julho de 1949.

As sucursais locais do PPF eram denominadas “Unidades Básicas”, que escolhiam suas delegadas e subdelegadas regionais, correspondendo às divisões geográficas do país para fins eleitorais. O PPF organizou várias tarefas diferentes para suas Unidades Básicas. Abeijón e Lafauci afirmam que as funções essenciais das “Unidades Básicas eram as seguintes: criar centros culturais, organizar aulas de literatura para adultos e crianças, ensinar corte e costura, bordado, culinária, dança folclórica regional, etc., fazer um levantamento regular das necessidades da população nos locais mais pobres e ajudar a atender aquelas necessidades com o auxílio dos profissionais de serviço social, enfermeiros, médicos e advogados (Abeijón, 1975:121-2). Uma lista semelhante de atividades nos é dada por Hollander: arregimentar mulheres para o PPF; providenciar um local de reunião social de mulheres fora de casa; providenciar creches para as crianças; oferecer assistência médica e legal gratuita; oferecer aulas de gramática, costura e política; e oferecer palestras, conferências e discussões de fatos correntes. Referindo-se ao que Néida de Miguel dissera, Hollander continua:

Estes centros femininos, mais do que os masculinos, providenciaram um ambiente no qual as mulheres lidaram tanto com problemas pessoais, quanto com problemas políticos... De acordo com as mulheres que trabalharam nestes centros, pela primeira vez nas suas vidas elas se sentiram realizadas no seu trabalho e foram capazes de desenvolver uma identidade coletiva com outras mulheres (Hollander,1977: 188).<sup>13</sup>

Contudo, talvez a testemunha mais convincente seja a própria Eva Perón. No seu registro de objetivos das Unidades Básicas Femininas, ela

---

<sup>13</sup> A entrevista com Néida de Miguel foi conduzida por Hollander em 1970. A descrição que nos fornece se encaixa nas as recordações da presente autora. Eu me lembro que esta consciência de identidade entre as mulheres originou um certo medo entre os homens em outros grupos políticos. Eles usavam denominar as Unidades Básicas das Mulheres Peronistas de “Poder Negro”. (Na Argentina, assim como em outros lugares na América Latina, “negro” significa de cor negra, pobre, inculto, da classe baixa, etc. O termo tem certamente conotação racial, mas é considerado mais brando que dizer “nigger” (negro) em Inglês).

afirma que as mulheres seguiram os desejos de Perón mais literalmente que os homens do Partido e converteram suas unidades em centros para doutrinação política. Gradualmente os centros transformaram-se de político para trabalho social voluntário (Perón, 1951: 293-4). Em outras palavras, as sucursais foram gradualmente removidas da arena política, definidas no sentido tradicional, e começaram a envolver-se com os problemas da comunidade, mantendo sob vigilância seu comportamento político, informando sobre alguma dissidência no local, distribuindo presentes que eram dados pela agência privada de bem estar social, (a Fundação Eva Perón), e relatando ao governo as demandas e necessidades da população. Eva Perón reconhece esta mudança quando afirma que de acordo com o que ela havia concebido, o trabalho social também era uma forma de participação política, que ela define na essência como fazer a presença protetora de Perón ser sentida em todo lugar e em toda família na Argentina (Perón: 293-5, 300).

### O quadro dirigente do PPF

O Peronismo aspirava ser uma alternativa hegemônica viável para o capitalismo argentino, enquanto promotor do desenvolvimento econômico baseado na integração política e social da classe trabalhadora. A esse respeito, comparações com a política do New Deal de Roosevelt e o desenvolvimento do capitalismo do welfare state, no Oeste da Europa depois de 1945, realmente procedem, em que todos eles em diversos graus marcaram a confirmação dos **direitos civis econômicos** da classe trabalhadora, e ao mesmo tempo determinando e, de fato, fortalecendo a existência contínua das relações capitalistas de produção (James, 1993: 39).

A seção das mulheres do Partido entrou em cena justamente quando Perón havia esgotado as novas iniciativas para reativar a economia nacional. Os sindicatos estavam começando a descontentar-se com a queda do poder de compra dos salários dos trabalhadores, e a resposta do governo era um programa de austeridade. Perón cogitava concorrer a um segundo mandato presidencial nas eleições gerais de 1951. A Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) era por essa época uma subdivisão do Partido no governo. Perón, que no começo de seu governo em 1946 definiu a si próprio, via CGT, como o **árbitro** entre homens e mulheres trabalhadoras e seus “chefes”, gradualmente **delegou** a representação direta de trabalhadores e de seus interesses a alguém da mais direta e exclusiva confiança, isto é, **sua esposa**. Paulatinamente, as medidas que eram editadas pelo Ministério do Trabalho e do Bem Estar assumiram uma associação simbólica, na imaginação dos trabalhadores, não exatamente com a figura de Perón, mas com a

crecente figura **carismática** de Eva, ou **Evita** como ela gostava de ser chamada.

O tema central do discurso que ela pronunciou nesta ocasião era o que deveria ser feito para resolver um conflito interno da seção das mulheres no partido, e algumas diferenças surgidas com os homens. A resposta de Eva era que a lealdade disciplinada ao líder, Juan Perón, era a única solução, que o PPF era como uma família, que a seção das mulheres não deveria tornar-se um problema e um aborrecimento para Perón e que, muito menos, elas deveriam lutar contra os homens, mas sim “agir em estreita colaboração com eles”.

Embora o programa do PPF estabelecesse que as mulheres tinham direitos iguais aos dos homens, no movimento Peronista como um todo, e especificasse a liberação feminina como um dos postulados-chaves daquele movimento, Hollander enfatiza que os filiados do gênero feminino não foram encorajados a assumir posições de liderança em nível nacional. Ao contrário, esperava-se que demonstrassem “um espírito de sacrifício e renúncia”, uma virtude “natural” nas mulheres de acordo com o discurso Peronista. Apesar do limitado espaço político que lhes foi permitido, elas as mulheres sentiram-se seguras de sua força, de acordo com sua Presidente, “as poucas mulheres que são escolhidas para representar-nos irão provar que (as mulheres) são capazes de sustentar a bandeira do ideal Peronista com dignidade e honra, quando e onde quer que seja...”

Os dois principais líderes do Partido das Mulheres Peronistas foram sua presidente, Eva Perón, a esposa do Presidente da República, e seu marido Juan Perón, General e Presidente, Chefe Supremo do Partido Peronista, e um homem. Depois da morte de Eva, Perón assumiu como Presidente do PPF, uma anomalia que ele depois corrigiu, nomeando uma mulher para substituí-lo. Hollander, assim resume a situação:

O programa do Partido especificava que o Chefe Supremo do Movimento Peronista, General Perón, era o líder do Partido das Mulheres Peronistas e tinha total autoridade para modificar ou anular decisões das autoridades do Partido. Em seu discurso inaugural na primeira assembléia nacional do Partido, Evita manifestou o paternalismo inerente no movimento. Ela se referiu constantemente a Perón enfatizando o ponto que “para as mulheres, ser Peronista é antes e acima de tudo ser leal a Perón, subordinada a Perón e cegamente confiante em Perón” (Hollander, s/d: 13).

Em 1949, o poder de Evita vinha basicamente das subdivisões sindicais do Partido. Contra o desejo da elite da seção dos homens do Partido Peronista, Evita usou os sindicatos para ajudá-la a delinear a seção das mulheres do Partido, como mostraremos agora.

O critério para a escolha do quadro dirigente do PPF foi definido por Eva Perón, no discurso proferido em 16 de Dezembro de 1949, durante um

importante comício de mulheres, organizado pela Comissão Auxiliar de Mulheres da CGT, realizada no Teatro Colón em Buenos Aires. Esse era o teatro principal do país, não tanto pelo tamanho, mas porque até o advento do Peronismo era domínio exclusivo dos setores mais ricos do país, sinônimo da cultura burguesa por excelência. Embora o comício fosse organizado por mulheres trabalhadoras, Eva apropriou-se dele, fazendo-o soar como se o evento fosse fruto de seu antigo desejo de discursar para tal público. Contudo, ela também se refere às mulheres do interior e às mulheres do lar.

Nesse discurso Eva explica que a ativa participação das mulheres assalariadas não era apenas bem vinda pelo movimento das mulheres Peronistas, mas essencial se o movimento esperava alcançar seus objetivos iniciais. Esclarece a tarefa imediata que se coloca a elas (“fazer um levantamento do número de mulheres inscritas na causa Peronista”) e então, em emocionado improviso, explica o critério que o partido das mulheres usará na escolha de suas líderes. Caberá à massa de filiadas, ela reforça, escolher. Líderes não serão impostas **de cima**. Para tornar-se uma líder do Partido era essencial ser **solidária** e **disciplinada**. Mulheres que revelassem tais virtudes seriam eleitas líderes de outras em cada circunscrição eleitoral no país. O quanto mais elas copiassem Eva Perón em sua **rendição incondicional** aos desejos de Perón e do Partido, mais alto estas líderes iriam galgar a hierarquia do Partido. Conseqüentemente, Eva recomendou que toda filiada mulher deveria renunciar a qualquer ambição pessoal na atividade política. Uma vez que o número de mulheres Peronistas estivesse definido, elas deveriam organizar em cada localidade, distrito e cidade, em cada província, centros para a educação cultural ou ação política.

Em meados de 1950, toda a estrutura do PPF havia sido constituída. Porém, ela permaneceu subordinada aos desejos de Perón, e sua organização era fortemente hierarquizada. As mulheres que de algum modo questionaram a autoridade de Eva foram desligadas. Em 4 de maio daquele ano, os homens e mulheres Peronistas mais leais a Eva Perón se reuniram para celebrar seu aniversário. Essa era a primeira vez que Eva reunia oficialmente os líderes do PPF da capital federal e redondezas.

### **Os símbolos do partido e os *slogans* do período**

Um sinal da acentuação das diferenças de gênero entre os membros do partido político Peronista era a composição de um hino diferente para as mulheres. Previamente, existira um hino Peronista para todos, intitulado “Os jovens Peronistas” (Los muchachos Peronistas), com a seguinte letra:

Os jovens Peronistas

Unidos iremos triunfar  
E como sempre iremos dar  
Um grito de dentro do coração:  
Viva Perón! Viva Perón!  
Por causa da grande Argentina  
Que soube como conquistar  
A grande massa do povo  
Combatendo o capitalismo.

Essa canção data do período pré-eleitoral de 1945-46. Naqueles dias ela era cantada pelas mulheres também. Entretanto, nos encontros políticos onde apenas as mulheres participavam, elas usavam cantar o refrão:

Sem nossos sutiãs e sem nossas calças  
Somos todas de Perón!

Os homens Peronistas têm dado diversas interpretações a esse coro. As mulheres juntaram-se à campanha da vitoriosa eleição presidencial de Perón em massa sentindo, talvez, que estavam no processo de sua própria liberação, conforme Abeijón e Lafauci. Estes autores parafraseiam o testemunho ocular de Felix Luna, um dos organizadores masculinos dos comícios Peronistas, que diz que quando as mulheres participaram da campanha eleitoral, provavelmente sentiram-se livres da “pia (el piletón), das crianças (a prole) e do preservativo (el Primus)”.

Essa atitude feminina, sob o ponto de vista desses três homens Peronistas, era uma mistura confusa de política e sexo, com uma pitada de misticismo. Supostamente, então, quando o apoio feminino para o governo de Perón foi organizado formalmente em 1949, um objetivo era fortalecer este misticismo **natural** das mulheres. Em outras palavras, após aquele tempo não havia mais slogans no discurso das mulheres Peronistas que falavam em dar seus corpos a Perón, como prêmio na batalha da liberação contra seus exploradores (os capitalistas) e seus opressores (os homens). Ao invés disso, havia novos slogans, dos quais o mais importante era dar suas vidas por Perón e estar preparadas para dá-las por Eva também; em outras palavras, renunciar à suas vidas por seus líderes políticos, líderes ligados por um contrato de casamento, um contrato que Perón e sua esposa apresentaram em público como se não contivesse reciprocidade sexual direta, conforme o livro de Evita. Essa espécie de sublimação político-sexual de Perón e de sua esposa é talvez um dos únicos pontos da maior similaridade entre suas interpelações e aquelas utilizadas por Mussolini com as mulheres italianas (Ver Macciocchi, 1976).

A versão do hino do partido das mulheres que Perón tentou impor era denominada **As mulheres Peronistas**, com a seguinte letra:

As mulheres Peronistas  
Com Evita triunfaremos  
E com ela iremos oferecer  
Nossa vida por Perón

Viva Perón! Viva Perón!  
Por Perón e por Evita  
Nós daremos nossas vidas  
Pela Capitã Evita  
E pelo General Perón.

Nossa vida por Perón.  
Nossa vida por Perón  
Viva Perón!  
Viva Perón!

Do ponto de vista da liderança do PPF, está claro que elas concebiam o PPF como uma estrutura fortemente hierarquizada com atributos quase militares, com sua Presidente recebendo a patente de capitã e Perón denominado de supremo General. A distinção entre as duas patentes é importante. Um capitão comandava somente um pequeno número de soldados e oficiais não comissionados, enquanto o supremo general (General de Divisão) era o oficial mais importante no Exército Argentino, no comando de todos os corpos de soldados e oficiais. Tal diferença de patente na hierarquia do PPF dá uma idéia das diferenças numéricas implícitas no comando das massas entre Perón e Evita. Ela é a mais clara indicação daquilo que é colocado atrás da chamada igualdade entre os diferentes membros de um único partido político. Este partido se propôs a dividir-se em seções de igual importância, o Partido das Mulheres Peronistas, o Partido Peronista (dos homens) e a CGT. Como os homens eram a maioria dos membros dos sindicatos e a burocracia dos sindicatos era quase inteiramente constituída por homens, a igualdade tornava-se meramente nominal, como foi reconsiderada por Hollander. Outro importante símbolo e instrumento de propaganda para o PPF foi o casal presidencial Juan e Eva Perón. Típicos do período que estamos estudando, eram os slogans que apareciam nos painéis, material do partido, pinturas de muro, etc., com mensagens como:

Na nova Argentina de Perón e Evita  
Perón cumpre e Evita aperfeiçoa!<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Em espanhol, “Perón cumpre, Evita dignifica”. Cumprir é atender uma promessa (no caso realizar aquelas promessas eleitorais). Dignificar é tornar honrado, decente, respeitável, dignificado. Uma “vida digna é uma vida decente, uma vida de dignidade. Assim, Perón entrega (os materiais bons), Evita acrescenta a qualidade moral.

Um bom exemplo dos valores simbólicos atribuídos ao casal que agia em conjunto na política é encontrado no trabalho dos dois autores pró Peronistas, Abeijón e Lafauci. Eles acentuam que o movimento político das mulheres, dirigido por Eva, podia separar-se do partido, pois ganhara força e independência, em oposição ao restante do movimento Peronista que era constituído por homens. Na sua opinião, isso coloca Eva Perón no mesmo nível das feministas, tais como: Flora Tristán, uma peruana que lutou pela liberação das mulheres durante o século XIX. Nas melhores tradições do Peronismo, contudo, eles acrescentam que Eva Perón compreendia que sua força não podia estabelecer-se “em isolamento”, e que ela, portanto, decidiu engajá-la com o casal (Abeijón & Lafauci, 1975:192-3).

A idéia da união de um casal em matrimônio por amor, preferencialmente não sexual, ocorre repetidamente nos registros Peronistas da atividade de Eva Perón e das mulheres do Partido. Por exemplo:

Evita e Perón formam a liderança reunida de uma comunidade revolucionária, o movimento Peronista. Eles formam um casal, e são identificados publicamente como tal, então o “terceiro estado” entra em cena, o povo. Total concordância de ação modifica a natureza do amor. Sua faceta puramente erótica é suprimida, e o amor baseado na identificação recíproca de dois livres parece ser uma impossibilidade... (Goldar, 1969:193).

O **casal** moldado para encaixar a imagem dos Perón, constitui uma das apelações de gênero por meio das quais o Peronismo tentou eliminar as diferenças de gênero, por um processo de redução ideológica ao nível da complementaridade **natural**, em minha opinião.

### **O desenvolvimento organizacional e a força política do PPF**

No primeiro período após ser criado, as principais atividades do PPF concentraram-se no seu desenvolvimento organizacional, manifestações de rua em apoio ao governo e preparativos para o fim do primeiro período presidencial de Perón e sua reeleição. É admirável que em menos de dois anos (julho de 1949 a fevereiro de 1951) as mulheres foram capazes de organizar, pelo menos, 3.600 Unidades Básicas por todo o país, conforme Fraser e Navarro. Os autores acreditavam que, em contraste com o Partido Peronista (dos homens), o PPF de Evita era um **surpreendente sucesso**, uma prodigiosa organização. Até 1952 ele alcançou 500.000 membros e 3.600 Unidades Básicas (Fraser, 1980:107-9).<sup>15</sup>

Nós não encontramos dados confiáveis, sobre o número e o tamanho das manifestações de rua, embora haja menções freqüentes na literatura sobre

<sup>15</sup> Surpreendentemente ninguém refutou os números.

o Peronismo da presença maciça de mulheres nos comícios convocados pelo Partido para apoiar o governo.<sup>16</sup>

### **Eva Perón para a vice-presidência**

Inquestionavelmente, uma das mais importantes tarefas assumidas pelo PPF, durante o período 1949-51, era apoiar a candidatura de Eva Perón para a vice-presidência nas eleições de 11 de novembro de 1951.

A maioria dos oficiais do exército era contra a idéia. Apesar disso, Eva iniciou oficialmente sua campanha eleitoral durante uma reunião do PPF, em fevereiro de 1951. Em julho daquele ano, Eva presidiu uma reunião do Comitê Nacional do PPF. Em 27 de julho, dois dias depois, ela organizou uma outra na residência presidencial com as delegadas do PPF, delegadas suplentes e secretárias do sul do país. Elas solicitaram-lhe formalmente, como presidente do PPF, que se juntasse à chapa presidencial a ser apresentada pelo Partido Peronista nas eleições vindouras. O outro candidato naturalmente seria Perón. Em 3 de agosto, duas centenas de membros do Comitê Nacional da CGT anunciaram que apoiariam a **chapa Perón-Perón**. Porém, o Partido enquanto tal, isto vale dizer os **homens** ou a seção **política**, não fez nenhuma manifestação de apoio nesse sentido.

A fim de forçar o assunto, o secretário geral da CGT, José Espejo, convocou o **Fórum Aberto Justicialista** a ser realizado na avenida 9 de Julho, a mais larga de Buenos Aires, onde alguns milhões de pessoas deveriam comparecer. A convocação para o Fórum Aberto previa o exercício do poder popular, em uma escala comparável àquela do 10 de maio de 1810, que pôs fim ao poder colonial dos espanhóis e substituiu o Vice-rei por um governo constituído apenas por argentinos. O evento era significativo também porque o encontro não seria realizado no lugar tradicional, a Praça de Maio, em frente ao Palácio Presidencial, o centro do poder da burguesia nacional. No evento, cerca de um milhão de pessoas de ambos os sexos estiveram presentes, cobrindo um raio de 5 km<sup>2</sup>. Entre os mais combativos estavam as mulheres, que montaram as tendas na cidade nos dias que antecederam o comício, o mais perto possível do ponto em que o palanque seria erguido, afirmaram Abeijón e Lafauci. Por volta das 14:30 hs a avenida 9 de julho estava completamente tomada pelo povo, impaciente para ouvir a decisão, e o restante das pessoas estava atenta ao rádio em casa, conforme aqueles autores.

Com o típico uso do “modelo de chegada”, Perón finalmente surgiu no palanque por volta das 17:30 hs, após ter feito o povo esperar por 3 horas. Como era de se esperar, ele chegou com seus ministros, MPs e autoridades da

---

<sup>16</sup> Ver, por exemplo Fraser & Navarro, 1980; Luna, 1970.

CGT mas sem sua esposa, para simbolizar, na minha interpretação, a prioridade que ele esperava que o povo atribuísse a ele. O Povo, entretanto, gritava repetidamente, exigindo a presença de Eva Perón. Perón, repentinamente deixou o palco e desapareceu por alguns minutos. Esse era um modo simbólico de indicação de que havia forças não presentes no comício, mas que deveriam ser levadas em conta, isto é, os inimigos **personais** de Eva Perón: a hierarquia da Igreja e militares do exército que se opunham à própria candidatura de Perón, e muito mais à de Eva Perón para a vice-presidência. Pouco tempo depois, Perón reapareceu no palanque, e de novo chegou só, separado de Eva. Então Eva surgiu chorando, acompanhada de Espejo. Ela foi saudada com uma entusiástica ovação.

O Secretário Geral da CGT explicou a finalidade do comício e leu a declaração do Conselho Superior anunciando as candidaturas de Perón para presidente e de Eva Perón para vice-presidente. Em primeiro lugar, Perón falou para agradecer-lhes, depois Evita. Curiosamente ela iniciou seu discurso com um tratamento que normalmente nunca usava - “Sua Excelência, Presidente da República” - aparentemente um esforço para criar uma real distância entre ela e o poder constitucional do marido, o representante do Estado argentino. Quando ela falou somente para agradecer pela indicação do marido, a multidão interrompeu-a gritando, “Com Evita! Com Evita! Com Evita!” Por três vezes Eva Perón (cuja doença terminal estava já em estado avançado) tentou continuar seu discurso. Mas em cada tentativa era interrompida pelos gritos incontidos de seus devotados seguidores. Eva uma vez mais ofereceu seu apoio apenas ao marido.

No seu discurso, admitiu que seus inimigos se opunham a ela pelo fato de ser mulher, e porque era disciplinada, eficiente e dedicada à política. Curiosamente, acrescentou: “Nunca respondi aos ataques pessoais e nem critiquei quando me difamaram, uma frágil mulher argentina. Ao contrário, no fundo do meu ser eu me senti feliz, porque tinha servido meu povo... Sempre farei o que o povo me pedir” (Perón, 1996; Pichel, 1993: 214-26).

É óbvio que Eva sentira-se ofendida pelo próprio companheiro de partido e marido, Juan Perón. Embora ela estivesse completamente consciente de sua capacidade de agitar as massas, abdicou ao direito de manter um cargo público a fim de que ela e o marido pudessem pôr em prática o que consideravam ser a melhor tática para assegurar sua reeleição, isto é, conceder um ponto aos inimigos de Evita e não oferecer-lhes nenhum posto executivo. Eva, que tinha completa consciência de sua força política, declarou que iria usá-la para garantir a reeleição de Perón: “Pelo meu partido, meu General, com todo poder espiritual investido em mim pelos **descamisados**, hoje, antes que o povo vote em 11 de novembro, eu o proclamo Presidente de todos os argentinos”.

Embora Perón se preocupasse em tomar o microfone de novo, ele tinha apenas pronunciado umas poucas palavras quando de repente alguém da multidão gritou: “Deixe a companheira Evita falar!”. José Espejo, o Secretário Geral da CGT, um dos amigos mais íntimos e o mais leal dos aliados políticos de Eva, pegou o microfone e insistiu que ela deveria dizer o que realmente pensava.

Então seguiu-se o mais extraordinário diálogo direto entre Eva Perón e as massas. Ela pediu-lhes quatro dias mais para tomar “uma decisão de tal importância na vida desta modesta mulher”. Seu público insistiu - Não! Não! Deve ser agora! - e propôs uma greve geral para expressar-lhe seu apoio. Era óbvio que uma greve seria por extensão uma greve contra Perón e aqueles seguidores do Partido que não eram sindicalistas nem mulheres. Talvez por causa do claro potencial de divisão desta nova proposta, Eva pediu-lhes de novo para que lhe dessem tempo - um dia para refletir e dar-lhes sua resposta. Talvez ela estivesse sendo sincera quando disse, tão logo se encerrou o comício, “isto pegou-me de surpresa”. Era 22 de agosto de 1951. Evita e as massas haviam relegado Perón a um plano secundário. O marido, irritado, finalmente gritou: “Este encontro está encerrado”. Perón tinha alcançado seu objetivo: as massas se dispersaram e a decisão da greve jamais foi tomada.

Que a real intenção de Eva Perón era assumir o posto de vice-presidente se seu partido vencesse as eleições, está provado pelo fato de que seis dias depois o Partido Peronista e a CGT anunciaram oficialmente que seus candidatos para as próximas eleições para o período presidencial 1952-8 seriam o casal Perón-Perón. Os trabalhadores ferroviários organizaram um jantar em apoio à chapa Perón-Eva Perón.

Na minha opinião, os detalhes desses eventos servem para refutar a teoria da **Supermãe**, relativa ao comportamento político das mulheres latino-americanas, no diz respeito a Eva Perón. Ao contrário, se nossa interpretação estiver correta, o poder de Eva Perón não era derivado de seus atributos femininos, nem de seu carisma e elegância pessoal. Nem era limitado aos atributos daquelas áreas tradicionais consideradas como femininas (educação, saúde, etc.). O episódio particular na história do Peronismo que estamos discutindo nos ajuda a entender que um fenômeno muito diferente estava operando. Chaney aplicou um questionário entre mulheres do Peru e do Chile sobre suas atitudes em relação a posições públicas. Disso resultou que as mulheres não eram atraídas para a esfera do poder político convencional. Assim, podemos especular que era porque consciente ou inconscientemente as mulheres estavam certas de que os homens não permitiriam que elas exercessem sem restrições o poder social inerente àquelas posições. Teremos que esperar por pesquisa mais precisa antes que possamos estar certos neste ponto. Independentemente do que sejam, os exemplos de julho e agosto de

1951 servem para mostrar o quanto o mito está contido no uso do conceito de Supermãe, tão notoriamente impróprio no caso de Eva Perón.<sup>17</sup>

As pressões políticas contra Eva Perón continuaram, de militares, de bispos e de seu próprio chefe político, Perón. Assim, em 31 de agosto, à 8:30 hs, foram anunciadas **suas razões** para renunciar à indicação para a vice-presidência. Ela não falou de um palanque público frente a frente com o povo em um comício ao ar livre, mas sua mensagem foi transmitida por uma cadeia nacional de rádio. Em seu discurso, ela deu uma vaga idéia da escala de seu sacrifício histórico quando disse:

Eu tenho dito...e neste presente momento eu tenho apenas uma ambição, uma simples, grande, ambição pessoal: que quando os historiadores escreverem o capítulo que certamente será dedicado a Perón, poderá ser dito de mim que havia a seu lado uma mulher que dedicou-se a trazer diante do Presidente as esperanças e os desejos do povo... Isto é o que eu desejo ser (Perón, 1951:190).

Parece que Eva assim entendeu quando falava, porque sua voz soou tensa e triste. E o mesmo sentimento foi refletido pela CGT, que pediu que o governo Peronista declarasse 31 de agosto um “dia histórico”, a partir de então ser denominado **Dia da Renúncia**.

Certamente, algo podia ser **renunciado** somente se tivesse sido previamente aceito. Em conseqüência também que, diferentemente dos vencedores (Perón, os militares das forças armadas e a hierarquia da Igreja Católica), as mulheres da classe trabalhadora e os trabalhadores argentinos em geral deviam ter entendido que haviam perdido uma importante batalha política para assegurar seus direitos, (na qual Eva Perón tinha sido sua representante). No meu ponto de vista, a marginalização de Eva Perón marcou o início de uma guinada do regime para a direita, que tornou-se muito mais pronunciada depois da sua morte prematura em 26 de julho de 1952.

### **O trabalho do PPF durante a campanha eleitoral**

Como vimos, Eva Perón e a seção do partido que ela dirigia desempenharam um papel particularmente ativo na campanha da primeira eleição presidencial, na qual tomaram parte como uma organização. Entre as numerosas atividades estavam as infindáveis viagens de proselitismo (pregações) que Eva fez a diferentes partes do país, a seleção de mulheres candidatas para as eleições gerais de 11 de novembro e a larga distribuição de um manifesto em apoio à candidatura de Perón. Isso foi publicado em 20 de fevereiro de 1951 e dedicado à memória da primeira vitória eleitoral de Perón

---

<sup>17</sup> Para mais argumentos, ver Zabaleta, 1986:97-103.

na eleição presidencial de 22 de fevereiro de 1946. O texto completo está reproduzido abaixo:

Comunicado oficial

Considerando:

Que em 24 de fevereiro o povo argentino comemora o 5º aniversário da eleição que trouxe ao poder seu extraordinário líder, uma eleição que foi prova da absoluta reafirmação da liberdade e da vontade soberana do próprio povo que em 17 de outubro de 1945 arriscara tudo por Perón;

Que as mulheres Peronistas não podem se esquecer daqueles dois dias que marcaram o alvorecer da Nova Argentina, cuja luz hoje está no seu mais brilhante zênite;

Que embora em 24 de fevereiro as mulheres Peronistas não poderiam se reunir na Praça de Maio como tínhamos feito em 17 de outubro, nós que estivemos ao lado de nosso líder, junto com seus trabalhadores e seus “descamisados”, como suas mães, filhas ou noivas, preenchendo-os com fé na causa do povo argentino e de Perón;

Declaramos:

O total apoio do Partido das Mulheres Peronistas ao ímpar e inquestionável líder da Nova Argentina; expressamos a ele neste 24 de fevereiro, antecipadamente à irrevogável decisão das urnas, que as mulheres Peronistas estão determinadas a ter a eterna glória de assegurar que o primeiro voto feminino na história da Argentina seja o que leva Perón pela segunda vez à Presidência da República;

Que este desejo definitivo do Partido das Mulheres Peronistas é meramente a expressão de nosso desejo, e não apenas das mulheres, mas de todos aqueles que compõem o autêntico povo diligente de nossa nação, incluindo os trabalhadores e os pobres;

Que ninguém é melhor indicado que nós mulheres para interpretar o desejo coletivo tão arraigado, dado que nós, como mães, esposas, filhas ou amadas, estamos investidas do pleno conhecimento dos corações e pensamentos de cada pessoa e de cada lar em nossa pátria; sabemos que a paz e felicidade das pessoas exigem que Perón continue a ser o presidente de todos os argentinos; sobretudo temos tal certeza depois de um processo de consulta efetuado pelo nosso presidente com todas as 3.600 unidades básicas de nosso Partido no país.

Conseqüentemente, a presidência do Partido das Mulheres Peronistas decidiu:

1. Que o Partido das Mulheres Peronistas apóia totalmente o 24 de fevereiro para marcar a data na qual o povo argentino selou seu destino como uma nação livre, justa e soberana, através da eleição de Perón à Presidência da República;
2. Que toda unidade básica do Partido das Mulheres Peronistas promoverá encontros para celebrar este glorioso dia para a Argentina;
3. Enviar um telegrama expressando nossa fé, lealdade e obediência inquestionável ao chefe de nossa nacionalidade, General Perón;
4. Informar aos cidadãos da Argentina que o Partido das Mulheres Peronistas fará tudo em seu poder de convencimento para assegurar a reeleição do General Perón, seu único e inegável líder. Enquanto não alcançarmos isto, este será nosso único objetivo político, visto como os sentimentos do verdadeiro povo argentino (Abeijón & Lafauci, 1974: 124-5).

Em abril de 1951, Eva Perón recebeu duas visitas importantes que estavam muito impressionadas com o seu trabalho: a Ministra das Finanças

Públicas de Israel, Golda Meir, e o Príncipe Bernard da Holanda, que condecorou Eva Perón com a Grande Cruz em nome da rainha Juliana. Eva dedicou em sua honra a primeira leitura pública de seu livro de memórias: *A razão de minha vida* - a maior contribuição de Eva para a reeleição do seu partido e do seu marido.

Ainda mais significativo foi o pronunciamento de rádio que Eva Perón fez à nação, de seu leito em 28 de setembro de 1951, após a tentativa de golpe militar contra Perón. Ela lembrou a seus ouvintes que uma vez mais foram as mulheres e os trabalhadores que deram um exemplo de organização para defender o governo legalmente eleito, na concentração da Praça de Maio.

No dia seguinte, sábado, depois de receber mais informações sobre a tentativa de golpe, ela convocou uma reunião secreta de seus mais íntimos colaboradores e ordenou-lhes a compra imediata, com a ajuda do príncipe Bernard da Holanda, de 5.000 pistolas automáticas e 2.500 submetralhadoras a serem usadas para armar milícias populares especialmente constituídas. Deu-lhes dinheiro dos fundos da Fundação Eva Perón, para pagar inclusive o treinamento.

Uma mulher Peronista relatou: “A milícia de trabalhadores começou a ser formada nas fábricas e em todo lugar que a CGT tinha influência. No jornal *La Prensa*, controlado por elas e pelos trabalhadores, foi organizado um comitê, ao qual eu pertencia” (Pichel,1994:226). Quando Perón descobriu, proibiu o treinamento armado e militar do povo (depois da morte de Eva Perón ele doou as armas à Polícia Nacional - Gendarmerie) (Pichel,1994:182-3).<sup>18</sup>

Logo em seguida, em 17 de outubro de 1951, **Dia da Lealdade Popular**, Eva Perón aproveitou a oportunidade, em uma verdadeira mostra do que era seu caráter, de se pronunciar em uma cerimônia onde estava sendo condecorada com a **Grande Medalha Peronista, Classe Especial**. Apesar de sua debilidade física, ela conseguiu permanecer parada para se dirigir à multidão que arregimentara para ouvi-la por iniciativa da CGT, que havia dedicado o dia a ela. Em seu discurso improvisado, começou agradecendo aos trabalhadores argentinos pela distinção que haviam lhe conferido. Explicou que viera à manifestação para lembrá-los que era vital que “diariamente o trabalhador argentino precisava estar em alerta e não relaxar por um momento sequer. Que nas sombras da traição agem os nossos inimigos e algumas vezes eles se escondem atrás de um sorriso ou de uma mão estendida”. Ela insinuou uma alusão velada à sua renúncia ao cargo executivo, quando disse: “Sei que vocês tomarão meu nome e o levarão como uma bandeira à vitória. É por isso que a vitória será nossa. Devemos alcançá-la

---

<sup>18</sup> Gendarmerie é a Polícia da Fronteira da Argentina, parte do Exército.

mais cedo ou mais tarde, custe o que custar, e não importa quem esteja no caminho”.

Neste caso, esta passagem do seu discurso mostra até que ponto o apoio das mulheres, que neste caso simbolizava a presidência do PPF, era considerado crucial para o governo.

### **A contribuição das mulheres para o resultado das eleições**

O entusiasmo político das mulheres Peronistas assegurou ao Peronismo sua vitória eleitoral e o segundo mandato presidencial. Nas eleições de 11 de novembro de 1951 as mulheres exerceram seu direito de voto pela primeira vez na história argentina. Teoricamente, elas tinham agora direitos políticos plenos, conferidos por lei depois de muitos anos de lutas feministas na Argentina. Na prática, como vimos, eram impedidas pelas estruturas políticas de assumir aquela responsabilidade plenamente. Eva Perón votou no seu leito de hospital, apesar dos protestos dos Socialistas e Radicais que consideravam tal ato ilegal. Em todo o país, 3.816.653 mulheres votaram e a chapa Perón-Quijano venceu com 64% do total de votos.

A maioria das mulheres votou em candidatas Peronistas, sendo 83% nas áreas da classe trabalhadora e 53% nas localidades mais ricas. O índice de votos Peronistas foi 63,98% entre as mulheres, enquanto que entre os homens foi 60,98% (Cantón, 1968:144-5). Todas as candidatas, 7 senadoras e 24 deputadas, foram eleitas para os respectivos cargos. Alguns pesquisadores afirmam que nenhum outro partido lançou candidaturas femininas. Hollander, contudo, insiste que Comunistas e Socialistas o fizeram, sem sucesso. Ela está certa quando diz:

Nenhum outro país nas Américas poderia se orgulhar de tal alto número de representantes do eleitorado feminino. Muitas destas mulheres eram provenientes das classes média e trabalhadora sem muita experiência política. Elas vieram, afirma uma feminista Peronista, do povo corajoso (Hollander, 1974:46).

É lamentável que os homens colocassem obstáculos no caminho das mulheres, suas próprias companheiras de partido, ao se tornarem as representantes do próprio gênero, como pode ser inferido destas tristes palavras de Eva Perón ao refletir sobre o problema:

Não nos unimos a este movimento por razões de egoísmo ou ambição pessoal. Vimos com nossos corações cheios de puros ideais e nobres aspirações. Não estamos lutando por nós, nem para ganhar posições. Estamos acostumadas ao sacrifício, o que para nós mulheres é a coisa mais natural no mundo... Entre nós, mulheres de um nobre e generoso povo, o sacrifício está em todo fato diário. É por isso que neste momento de ambição e desejo pessoal, não temos outro desejo a não

ser o de um lugar na luta. Talvez seja por isto que o Partido das Mulheres Peronistas estará apresentando poucas candidatas nas eleições de 11 de novembro (*Ibid.*).

Entretanto, ela acrescentou, as mulheres escolhidas pelo PPF para a representação feminina, dariam ampla prova de sua capacidade em qualquer cargo que viessem a ser eleitas.

As candidatas do PPF eram oriundas das classes média e trabalhadora. Apesar da animosidade pessoal dos membros masculinos do Congresso, em 25 de abril de 1953, uma destas mulheres foi eleita vice-presidente da Câmara dos Deputados. Delia Parodi tornou-se a primeira mulher argentina, e uma das primeiras do mundo, a ocupar tal alta posição do estado.

A mais freqüente explicação dada na Argentina para o nível do apoio feminino a Perón era que as mulheres tinham votado no Peronismo porque Perón havia concedido-lhes o direito ao voto. Hollander discorda, citando o trabalho da Dra. Alicia Moreau de Justo, uma feminista socialista, não-Peronista. O referido estudo do modelo do comportamento feminino foi realizado em Buenos Aires:

Ela relatou que nos distritos das classes trabalhadoras que foram pesquisados, uma grande percentagem de mulheres votou a favor do Peronismo, enquanto que nos distritos da alta classe média, a maioria dos homens e mulheres votou na chapa liberal radical. Moreu concluiu que as mulheres votaram mais pelo sentido de classe que por gratidão à lei do sufrágio (Hollander, 1974: 47).

### **PARTE 3 - 1951-55: O PPF NO SEGUNDO GOVERNO DE PERÓN**

Toda a literatura sobre o período, tanto as fontes oficiais como as demais, praticamente ignoram a existência do PPF depois de 1951 e há, portanto, pouca informação sobre a subsequente organização depois da reeleição de Perón. Como observamos de início, Eva Perón morreu neste período, em 7 de julho de 1952 e foi provisoriamente substituída na presidência do PPF pelo Comandante em Chefe das Forças Armadas, Chefe e Líder Supremo do Partido Peronista, seu marido Juan Perón.

O PPF continuou a ser organizado em Unidades Básicas que parecem ter operado como antes, engajadas em muitas das mesmas atividades. Entretanto, pode ser inferido que o dinamismo delas foi perdido gradualmente. Assim como a atividade política de Eva Perón se encerrara, o trabalho mais importante da Fundação Eva Perón, cujas atividades tinham sido o sangue vital das mulheres militantes do Peronismo, tendia a diminuir. Mesmo assim, o governo continuou a prover o material político a ser usado pelas mulheres nas suas Unidades Básicas, como Hollander descreve:

Os livros tinham um estilo simples e em uma linguagem que o povo pudesse entender seu pensamento, a partir da perspectiva Peronista, os princípios básicos de economia política, a natureza da sociedade de classes e a história do movimento Peronista. Eles incluíam questões sobre o papel das mulheres na sociedade e a necessidade de implementação de igual remuneração para igual trabalho a fim de dignificar o trabalho das mulheres. Em o *Mundo Peronista*, uma revista Peronista, relatos de atividades de várias Unidades Básicas mantinham outras ativistas informadas do sucesso e dos problemas na organização política (Hollander, 1974:48).

Hollander nos dá um exemplo fascinante de um desses relatos:

A **Unidade Básica** feminina de Margarinos Cervantes, nº 4168 em Buenos Aires, enviou em relatórios de suas reuniões para setembro e outubro... Um artigo sobre a realidade Peronista foi lido (um dos muitos publicados por aquela revista). Após a explicação do artigo, as pessoas fizeram perguntas e seguiu-se um interessante diálogo, refletindo a atitude com a qual as mulheres acompanharam o desenvolvimento da argumentação. As coisas que não estavam claras foram esclarecidas. Este procedimento é eficiente e nós recomendamos este método para todas as reuniões. Certamente aqui, a capacidade de exposição individual de idéias tem muita importância, contudo, dever-se-ia pensar sempre que não se trata de uma professora, mas simplesmente de uma companheira, que de boa fé e com a ajuda de outras, se desenvolve e ajuda a iniciar a formação de outras (*Ibid.*).

Hollander acha que essa passagem mostra que muitas mulheres estavam conscientes do reconhecimento público de sua existência política e de uma certa recompensa pelo seu esforço na organização. Meu diferente ponto de vista é o de que a ambigüidade desse relato não consegue esconder o fato de que a crítica das mulheres estava sendo suprimida pelas discussões feitas dentro das estritas linhas organizacionais tão freqüentemente anunciadas por Perón. Havia um único mestre: Perón. Todos os demais membros do Partido, suas idéias e iniciativas estavam submissas e subordinadas a ele. As mulheres pareciam necessitar de uma contínua lembrança desse postulado básico. Assim se explica o uso do testamento e legado político de Eva Perón, seu livro *A razão de minha vida* e, especialmente a parte III, que trata das mulheres, como o principal material de discussão para as mulheres do Partido.

Nós encontramos alguns outros raros testemunhos relacionados às atividades políticas do PPF durante o segundo governo de Perón. É necessário dizer que finalmente Perón delegou a liderança da seção das mulheres do seu partido à Delia Parodí, vice-presidente da Câmara dos Deputados do Congresso Nacional. Uma outra presidente do PPF, Isabel Perón, terceira esposa do General, tornou-se a primeira mulher presidente da Argentina, depois da morte de Perón.

Nos anos finais do governo, a superioridade do apoio das mulheres em relação ao dos homens, ao Peronismo tornou-se mais marcante, como os resultados das eleições para deputados em 1954 parecem indicar. Do número

total de homens no registro eleitoral (4.967.429) 84,43% votaram. Do total de 3.965.932 votos dos homens, 2.406.826 (60,69%) foram para o Peronismo. Havia 4.496.728 mulheres registradas, das quais 87,64% votaram, com 2.570.760 votos (65,23%) dados aos candidatos Peronistas. De qualquer modo, o Peronismo venceu com expressiva maioria, perfazendo 62,96% da votação total (Cantón, 1968:150-2, 160).

#### **PARTE 4 - O PÓS GOLPE DE ESTADO DE 1955: A ILEGALIDADE DO PARTIDO E O RETORNO À FILIAÇÃO MISTA**

Com a queda do governo Peronista, o Partido Peronista e o PPF foram proibidos pelo governo militar, com seus símbolos, emblemas, hinos, etc. Um decreto assinado em 1956 proibia e punia com prisão a posse da foto de Perón nas residências, o canto da canção Peronista, ou a audição do disco.

Uma nova fase se inaugurou para as mulheres Peronistas, como membros de uma força de oposição clandestina. A filiação separada de membros do gênero feminino e do masculino tornou-se mista de novo em várias associações Peronistas, comandos ou outros grupos criados depois do golpe militar de 1955. Do seu exílio no Panamá, Perón coordenou as ações que deveriam se desenrolar e reforçava a importância de homens e mulheres trabalharem em conjunto. Com a violenta onda de repressão policial em todos os sentidos, a casa tornou-se o principal espaço para as reuniões secretas, onde as mulheres também abrigavam os membros do partido em fuga.

As mulheres trabalharam lado a lado com os homens na organização da resistência popular contra o governo militar, independentemente de seu campo principal de atividade: trabalhadores braçais ou burocratas, estudantes, donas de casa, etc. Em algumas províncias, a exemplo de El Chaco, segundo Abeijón e Lafauci, a organização ilegal criada por mulheres tinha maior poder e inteligência tática que a dos homens. Em 1956 a resistência sofreu um sério revés com o fracasso do contragolpe organizado pelos oficiais Peronistas e liderado pelo Peronista General Valle. Os líderes militares da conspiração foram mortos pelo Exército.

Somente então, nos parece, os homens do Partido Peronista começaram a admirar a coragem e a importância do trabalho político das companheiras e começaram a encorajar ou, em suas próprias palavras, ajudar as mulheres a falar e opinar nas reuniões mistas do partido:

... assim elas iriam perder seu medo e pôr fim àquelas práticas também comuns de deixar algumas pessoas (todos homens) fazer todas as falas, enquanto o restante (tanto homens como mulheres) apenas ouve e obedece. Assim, dirigentes mulheres começaram a se tornar voluntárias, e depois de um certo tempo, ocupar posições de

maior responsabilidade, tornando-se reais líderes. Companheiras mulheres que no início raramente iriam abrir suas bocas... mais tarde revelaram-se excelentes dirigentes... Desse modo nossas (novas) práticas partidárias começaram a criar de baixo para cima um real partido feminino com líderes de real valor que haviam se tornado voluntárias em função da capacidade própria (Apud Abeijón & Lafauci, 1975: 213-4).

## CONCLUSÕES

Nesse artigo analisamos o tipo de filiação partidária que o Peronismo promoveu entre as mulheres e seu decisivo papel em enduzi-las a aceitar as novas implicações políticas dos seus papéis tradicionais de donas de casa e mães, tanto como de irmãs, de namoradas e de filhas dos homens. Especialmente após a organização da filiação em separado, as mulheres foram treinadas a obedecer as regras do partido, a concordar em ser representadas pelos homens e elas próprias a não ter nada a dizer, na formulação da política do partido como um todo. Tiveram que aceitar que um punhado de mulheres escolhidas na forma mais autocrática seria responsável por todos os aspectos das políticas para as mulheres, e que as decisões deste grupo poderiam ser vetadas por Perón, embora não se conheça se ele exerceu tal poder de veto diretamente. Considerados os fatos que envolveram a candidatura de Eva Perón para a vice-presidência, é razoável assumir que ele o fez.

Por outro lado, a filiação de uma família era, para os membros de ambos os gêneros, quase um pré-requisito para ser um “bom Peronista”. Tanto quanto sabemos, não havia uma grande oposição a esta idéia, nem de homens, nem de mulheres. Está claro, porém, que as mulheres Peronistas encontraram dificuldades para estabelecer uma linha divisória entre as obrigações do partido e as da família, particularmente porque muitas tarefas assumidas pelo partido diziam respeito ao trabalho do bem estar social.

Não é surpresa, feitas todas as considerações, que as mulheres Peronistas aceitassem as novas tarefas políticas com as quais se confrontavam, durante o período 1946-1955 com satisfação racional e considerável consciência de sua própria importância. Outrossim, nenhuma das forças políticas da oposição tinha algo muito diferente para oferecer, e o que elas propuseram eram somente reformas parciais, e não uma mudança fundamental na sociedade argentina. Na Argentina de Perón - um país dividido entre as forças sociais que o apoiaram e aquelas que gastaram sua energia na oposição - revolução social em uma de suas variantes não estava simplesmente na agenda, nem isto era uma agenda feminista.

Isto é, nem a consciência demonstrada pelas mulheres Peronistas em geral, ou a de Eva Perón em particular sustentam a idéia de que as mulheres

são conservadoras por natureza, ou que elas são mais conservadoras que os homens da mesma classe social. Muito menos isto era, conforme Hollander sustenta, um caso de apoio a um feminismo conservador. A maioria das mulheres que apoiaram o Peronismo fizeram-no porque possuíam uma percepção de classe dos problemas vitais enfrentados por elas diariamente. O Peronismo deu passos para resolver estes problemas: habitação, alimentação saudável, vestimentas, acesso à educação para elas próprias e às suas crianças; feriados remunerados, melhorias nas condições de trabalho, sobretudo no aspecto da segurança do trabalho, incluindo salários mais próximos aos níveis pagos aos homens e/ou orçamento familiar suficiente para a subsistência básica e na proporção do número de crianças dependentes; benefícios no campo da saúde, incluindo um completo sistema de medicina preventiva, etc.

Os benefícios advindos às mulheres das classes populares resultaram de um processo de transformações sociais, ao longo do qual elas adquiriram uma identidade política coletiva e perceberam a si próprias como construtoras de um grupo social distinto daquele dos homens. As mulheres Peronistas reconheceram que tinham uma comunhão de interesses de gênero e revelaram sinais de solidariedade intragênero entre si. Elas adotaram uma postura combativa para defender esses interesses e o fizeram em grande medida sob a inspiração da líder mulher, Eva Perón, que adotou na política um novo modelo de feminilidade que estava, a despeito daqueles que a consideraram um exemplo da Supermãe, completamente em conflito com os padrões tradicionais esperados das primeiras damas da Argentina, ao que tenho me dedicado em outros trabalhos.<sup>19</sup>

É razoável concluir que o PPF ajudou a construir um tipo de consciência reformista ou economicista entre suas seguidoras mulheres, assim como ele fez com o movimento sindical. Isso não foi suficiente para que percebessem que elas eram potencialmente capazes de mudar radicalmente sua situação e, de assumir a ação para efetivar aquela mudança. As mulheres Peronistas aceitaram sua subordinação social, tanto de classe quanto de gênero. Essa concordância era obtida principalmente através de instituições sociais tais como: o sistema familiar, o partido político dominante e, especialmente, o Partido das Mulheres Peronistas. A mais importante conclusão desse artigo é que as mulheres na Argentina, na América Latina e em qualquer lugar precisam aprender a não delegar sua responsabilidade pela ação política. Os Partidos políticos estão ainda longe de prover-nos com os mecanismos exigidos para formular uma completa consciência de classe, isto é, por definição, revolucionária e feminista.

---

<sup>19</sup> Ver, por exemplo, Zabaleta, 1999.

## Referências bibliográficas

- ABEIJÓN, Carlos & LAFAUCI, Juan. *La mujer argentina antes y después de Eva Perón*. Buenos Aires : Cuarto Mundo, 1975.
- BIANCHI, Susana & SANCHIS, Norma. *El Partido Peronista Femenino*. Buenos Aires : Centro Editor de América Latina, 1988.
- BIANCHI, Susana. Las mujeres en el Peronismo (Argentina, 1945-1955). In: DUBY, G. & PERROT, Michele (org.). *Historia de las mujeres en Occidente*. Madrid: Taurus, 1993, p. 696-707.
- CANTÓN, Dario. *Materiales para el estudio de la sociología política en la Argentina*. Buenos Aires : Instituto Torcuato di Tella, 1968, vol. 1.
- CARLSON, Marifran. *Feminismo! The women's movement in Argentina from its beginnings to Eva Perón*. Chicago: Academy Chicago Publishers, 1988.
- DUJOVNE, Alicia. *Eva Perón, la biografía*. Buenos Aires: Aguilar, 1995.
- FRASER, Nicolas & NAVARRO, Marysa. *Eva Perón*. Londres : Andre Deutch, 1980.
- GOLDAR, E. Literature Peronist. In: PÉREZ, Carlos (org.). *El Peronismo*. Buenos Aires, 1969.
- HOLLANDER, Nancy Carol. Si Evita viviera... *Latin Americana Perspective*, Riverside (Califórnia), v. 1, n. 3: 42-7, 1974.
- HOLLANDER, Nancy Carol. *The Peronist Women's Moviment reconsidered*. s/d. (mimeo).
- HOLLANDER, Nancy Carol. Women workers and the class struggle: the case of Argentina. *Latin Americana Perspective*, Riverside (Califórnia), v. 4, n 1-2:180-93, 1977.
- IPOLA, Emilio de. *Ideología y discurso populista*. México : Folios, 1982.
- IPOLA, Emilio de; SIGALL, Silvia & VERÓN, Eliseo. Perón: discurso político e ideología. In: ROUQUIÉ, Alan (org.). *Argentina hoy*. México: Siglo XXI, 1982.
- JAMES, Daniel. *Resistance and integration, Peronism and the Argentine working class, 1946-1976*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LUNA, Felix. *El 45, crónica de um año decisivo*. Buenos Aires : Jorge Alvarez, 1970.
- MACCIOCCHI, Maria Elena. *La Donna "nera". Consenso femminile e fascismo*. Milão: Feltrinelli, 1976.
- MOLINEUX, Maxine. *Mobilization without emancipation? Women's interests, state and revolution in Nicaragua*. 1983, (mimeo).
- NAVARRO, Marysa. *Evita*. Buenos Aires: Corregidor, 1981.
- PERÓN, Eva. *La razón de mi vida*. Buenos Aires: Peuser, 1951.
- PERÓN, Eva. *Yo Evita, Habla a las mujeres-Patria-Pueblo-Recuperación*. Buenos Aires : CS, 1996.
- PERÓN, Juan Domingo. *Habla Perón: Recopilación oficial de los discursos de Perón*. Buenos Aires, 1949.
- PICHEL, Vera. *Evita íntima*. 2.ed. Buenos Aires: Planeta Argentina, 1994.
- SANTOS, Estela dos. *Las mujeres peronistas*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983.
- SMITH, Lois & PADULA, Alfred. *Sex and revolution. Women in socialist Cuba*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- ZABALETA, Marta. Research on Latin American Women. In search of our political independence. *Bulletin of Latin American Research*, v. 5, n. 2: 97-103, 1986.
- ZABALETA, Marta. *On the process of construction of a feminine social consciousness: the Peronist case (Argentina, 1943-1955)*. Sussex University, 1988. (tese de doutorado defendida na Falmer-Brighton: School of Humanities and Cultural Studies)
- ZABALETA, Marta. Ideology and populism in Latin America; a gendered overview. In: FOWLER, Will (org.). *Ideologías e Ideólogos na América Latina*. Westport: Greenwood Press, 1997, no prelo.
- ZABALETA, Marta. *Evita's women, men and Peronist politics*. USA/UK: Edwin Mellen Press, 2000.

ZABALETA, Marta. Eva and Diana: victims or accomplices of cultural uniformity?. *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies (CALACS Journal)*, número especial (Evita, organizado por R. de Grandi), 1999.